

Il marxismo e l'idealismo. Studi su Labriola, Croce, Gentile, Gramsci

MARCO VANZULLI

Roma: Aracne, 2013, 312p.

*Gualtiero Marini**

Repetita iuvant, diziam os latinos: eis então a importância de percorrer as etapas italianas da lenta e singular evolução daquela filosofia, em grande parte de derivação marxista, chamada “da praxis”, seguindo as indicações fornecidas por uma rica tradição historiográfica sobre o assunto. Um caminho que, inaugurado na época da II Internacional pela figura atípica de Antonio Labriola, e posteriormente continuado, embora em direções diferentes, por intelectuais heterodoxos como Benedetto Croce e Giovanni Gentile, encontrou seu ponto de chegada no pensamento e na obra de Antonio Gramsci, o qual, de alguma forma, retomou e reelaborou as ideias de seus antecessores.

Marxismo e idealismo: este é o binômio em que Vanzulli, com uma coletânea de ensaios parcialmente inéditos, pretende evidenciar continuidades e descontinuidades entre pensadores tão distantes, que porém na Itália tiveram pontos de convergência teórica não desprezíveis. E, no entanto, como sugere o autor, o ponto final deste caminho, representado pelo marxismo gramsciano, não pode ser considerado uma simples derivação da inicial análise labrioliana, pois Gramsci a acolheu no seu sistema já filtrada e transformada pelas críticas realizadas por Croce e Gentile.

* Doutorando em Ciência Política na Unicamp. E-mail: gualtiero.marini@studio.unibo.it

Embora reconheça a singularidade e autonomia de Labriola, em relação ao marxismo ortodoxo quanto àquilo próprio da fase revisionista, Vanzulli enfatiza a centralidade do seu pensamento para a tradição filosófica italiana posterior. No entanto, o fato de ter lutado contra a confusão ideológica do socialismo italiano, de ter reconhecido o marxismo como concepção teórica unitária e postulado seu objetivismo histórico e, por fim, de ter eliminado – por meio da elaboração do conceito de filosofia da práxis e da reconsideração da ideia marxiana de “trabalho” – a oposição entre teoria e prática, não garantiu à Labriola uma fortuna teórica no âmbito do Partito Socialista Italiano, nem tampouco a difusão das suas ideias entre as massas proletárias italianas. Ele aderiu tardiamente ao ideal socialista e encontrou no revisionismo marxista do final do século um inimigo interno inesperado e insuperável, ainda mais porque a reafirmação da importância das relações entre materialismo histórico e hegelianismo, por ele defendida, foi justamente o alvo principal das críticas dos autores da “crise do marxismo” (Croce, Bernstein, Sorel, Gentile).

Paradoxalmente, foi um aluno de Labriola que decidiu continuar o trabalho iniciado pelo mestre, mas que, ao contrário, só contaminou suas intenções, a fim de satisfazer preocupações de tipo antissocialista. É por isso que Vanzulli pode justamente afirmar que “a relação Croce-Labriola parece um encontro desprovido de substanciais proximidades ideais” (p.68). A impostação neokantiana e o interesse meramente filosófico que animaram a investigação de Croce o levaram a aproximar-se ao marxismo, de fato, com o intento – senão declarado pelo menos implícito – de “desmantelamento epistemológico” (p.81); uma tentativa de romper qualquer ligação entre o materialismo histórico marxiano e a práxis, a ação política do proletariado. Segundo Vanzulli (p.140) – e aqui talvez resida a mais original das teses por ele propostas neste volume –, a escolha de campo antimarxista e a negação do valor teórico autônomo do materialismo histórico, operadas por Croce, estariam presentes já na sua primeira série de ensaios sobre o marxismo (1895-1899). Dessa forma, resultaria enfraquecida a tese, em voga em parte da historiografia italiana, segundo a qual, por muito tempo, Croce teria considerado válido o marxismo, pelo menos como “cânone de interpretação historiográfica”.

Na verdade, conforme o autor, tanto Croce quanto Gentile se esforçaram, por vias diferentes, em demonstrar o caráter a-teórico e a-científico do marxismo. O interesse crociano para este último levou-o a negar-lhe qualquer natureza filosófica e a se aventurar em uma crítica ao complexo sistema econômico de Marx. Mas o estudo da teoria marxista realizado por Croce, atrás das aparências, foi animado também por motivações ideológicas: ciente da importância que o pensamento marxista tinha adquirido no panorama intelectual do final do século XIX, ele, junto com Gentile, se inseriu externamente “no âmbito do revisionismo da II Internacional, contestando o materialismo histórico para construir, sobre as cinzas do adversário, uma nova posição idealista” (p.159). A impostação de Gentile, por sua vez, denunciando o projeto revolucionário que se esconderia atrás da

concepção materialista da história, o levou a considerá-la como “uma das piores deflexões do pensamento hegeliano” (p.152). Também no caso de Gentile, diz Vanzulli, a condenação de Marx e do marxismo seria já presente no seu primeiro ensaio sobre o argumento (1899), refutando assim “a difundida tese do caráter apolítico e teórico do interesse de Gentile para o materialismo histórico” (p.145).

Reafirmando a centralidade da temática hegeliana em relação ao marxismo, Gramsci denunciou a nocividade para a teoria socialista dos laços residuais com o positivismo e o naturalismo, ao passo que a sua gênese e seu valor filosófico intrínseco deveriam ser procurados, justamente, no idealismo de Hegel. Embora esta impositação revele aparentes pontos de contato entre os pensamentos de Gramsci e de Labriola, Vanzulli (capítulo IV) demonstra a fragilidade dessas afinidades. Eis assim o escasso peso de Labriola na formação intelectual de Gramsci, mas também a grande distância que os separa sobre importantes questões de interesse comum, tais como: a polêmica antipositivista, o conceito de natureza, a consideração da essência do materialismo histórico e da própria filosofia da práxis. Este último ponto permite ao autor mostrar o caráter genérico e vago das aproximações previamente tentadas pelos estudiosos entre as posições de Gramsci e de Labriola: se este último, de fato, considerava a filosofia de práxis eminentemente como uma “concepção objetiva e objetivista da história” (p.188) capaz de expressar a unidade da mesma, Gramsci, ao contrário, a interpretava no sentido de uma ampla reforma popular moderna, “instrumento de transformação e regeneração social”, inserindo-a em uma concepção ativista do conhecimento. Desta forma, aquela intuição primitiva de Labriola, a filosofia da práxis, converteria-se no ponto de força e de originalidade do pensamento sociopolítico gramsciano, isto é, a sua fundamental investigação sobre os intelectuais e a hegemonia.

Lateralmente a esta questão, Vanzulli, depois de um breve comentário sobre a relação entre Gramsci e o filósofo italiano Giambattista Vico (capítulo V), encerra o volume analisando tanto a reflexão gramsciana em torno da reforma escolar implementada na Itália, em 1923, sob o regime fascista, por Giovanni Gentile (capítulo VI), quanto aquela acerca do papel e da função dos intelectuais, efetuando um paralelo com as ideias de Karl Mannheim (capítulo VII). E é especialmente o primeiro dos dois artigos o que confirma a atualidade do pensamento gramsciano para fornecer interessantes sugestões de reflexão e ao debate em torno da atual organização escolar e universitária, italiana ou não.

Um volume interessante e meditado o de Vanzulli, que, embora não brilhe pela sua originalidade, evita o risco de descontinuidade ínsito em uma coletânea de ensaios, conseguindo dar homogeneidade ao seu discurso. O livro, portanto, além de destacar-se por uma cuidadosa análise historiográfica e uma contínua referência aos textos originais, tem o mérito de chamar novamente a atenção sobre um aspecto crucial na história da cultura italiana, a relação entre marxismo e idealismo. Trata-se, assim, de uma útil ferramenta de pesquisa para os especialistas sobre o assunto.